

Câmara Cascudo revisitado

Tania Regina de Luca

Dicionário crítico Câmara Cascudo

Organizado por Marcos Silva

*São Paulo, Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal, EdUFRN,
Fundação José Augusto, 2003. 327p.*

Câmara Cascudo é verbete obrigatório de enciclopédias e dicionários biobibliográficos que, em uníssono, ressaltam a sua erudição, as qualidades de pesquisador arguto e rigoroso, a prosa agradável e a vastidão da obra, que extravasa as taxonomias e estende-se pela etnografia, folclore, sociologia, lingüística, história, crítica e produção literária. Tais predicados parecem suficientes para assegurar-lhe lugar de destaque entre os estudiosos que procuraram compreender o Brasil.

Nota: Tania Regina de Luca é professora do Departamento de História da Unesp/Assis.

Entretanto, apesar desse reconhecimento de ordem genérica, há que se notar o discreto silêncio em torno do autor. É significativo que Cascudo tenha estado ausente de alguns dos principais empreendimentos editoriais levados a cabo por ocasião das comemorações dos cinco séculos da chegada dos europeus: ele não integrou a *Coleção sobre o Brasil*, lançada pelo jornal *Folha de S. Paulo*; tampouco figurou nos volumes consagrados aos *Intérpretes do Brasil*, organizados por Silviano Santiago (2000) e patrocinados pelos Ministérios da Cultura e das Relações Exteriores; também não fez parte do rol de autores que compuseram a excelente coletânea *Introdução ao Brasil*, um banquete no trópico, coordenada por Lourenço Dantas Mota (1999). Já a importante coleção *Retrato do Brasil*, editada pela Companhia das Letras e que já conta com 22 volumes, não editou nenhuma de suas obras. Um percurso mais amplo, abrangendo dissertações, teses, revistas e obras especializadas, revela uma fortuna crítica relativamente modesta, que soma algumas dezenas de títulos.¹ A exceção fica por conta da iniciativa da editora Global, que republicou algumas das principais obras do autor, inclusive seus escritos destinados às crianças, perfazendo mais de uma dezena de títulos.

Nesse contexto, o lançamento do *Dicionário crítico Câmara Cascudo*, organizado por Marcos Silva, professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo, adquire especial significado. Em primeiro lugar, há que se destacar as dimensões da empreitada, que reuniu 91 colaboradores, entre pesquisadores autônomos ou vinculados a distintas instituições – mais precisamente 25 delas, espalhadas por 12 estados brasileiros. A partir de bibliografias comentadas, Silva estabeleceu um *corpus* cascudiano, composto de 87 títulos.² Ao lado dos livros que escreveu, desde alentados volumes até aqueles com pouco mais de vinte páginas, estão os livros em que atuou como organizador e uma coletânea de seus textos, elaborada por Américo de Oliveira Costa. É esse material, apresentado em ordem alfabética, que compõe as entradas do *Dicionário*.³

A grande maioria dos verbetes localiza a obra estudada tanto no interior da produção de Cascudo quanto no âmbito mais amplo da área de saber à qual a mesma se vincula, além de fornecer elementos relativos à estrutura do trabalho e avaliar os procedimentos metodológicos e as estratégias de pesquisa, interpretação e narrativa mobilizadas. Outros se afastam da abordagem acadêmica e percorrem trajetos marcados pelo caráter memorialístico ou poético.

A solução adotada para a apresentação da produção de Cascudo pode ser considerada apropriada para um escritor eclético e com produção tão pluritemática, cuja obra certamente comportaria muitas possibilidades de ordenação. Sem pretender submetê-la a classificações e ordenações exaustivas e/ou rígidas, postura arriscada diante de sua natureza caleidoscópica, destacam-se a seguir algumas das linhas de força que estruturam o amplo universo do autor e que podem ser apreendidas da leitura do *Dicionário*.

Várias das obras analisadas têm por mote a História, com particular destaque para o Rio Grande do Norte. Câmara Cascudo debruçou-se sobre a trajetória de instituições, monumentos, paróquias, municípios, cidades, personagens, movimentos políticos e sociais, compondo um amplo e variado quadro, que se estende do período colonial ao século XX. Diversos analistas destacam o levantamento amplo e cuidadoso de fontes variadas, o recurso a depoimentos orais, lembranças de cunho pessoal e familiar, uso de folhetos, jornais, atas, relatórios e outros materiais contemporâneos aos processos investigados. Se tal produção traz a marca de seu tempo e não satisfaz plenamente às exigências da hodierna historiografia, é inegável que coloca à disposição do pesquisador enorme quantidade de dados e informações, de que não pode prescindir o estudioso do assunto.

Cascudo também cultivou o gênero biográfico, tendo escrito, por exemplo, a respeito de Solano López, Marquês de Olinda, Conde d'Eu, Auta de Souza, Pedro Velho, Jerônimo Rosado e Ermanno Stradelli, obra que merece especial destaque pelo método de pesquisa empregado no desvendamento da atuação desse conde italiano, que permaneceu por 43 anos no Brasil. Os embates do seu tempo e as posturas que defendeu estão particularmente explícitos em algumas biografias, como ocorre na de Cipriano Barata, elaborada em pleno Estado Novo e que assume, no investimento de fazer do protagonista um homem-absurdo, “dimensões de verdadeira tarefa política” (p. 63). Observe-se que mais de um colaborador refere-se à opção política do autor, que engrossou as fileiras do integralismo e não dissimulou seu apoio às ditaduras implantadas por Vargas em 1937 e pelos militares em 1964.

O *Dicionário* abriga várias entradas de natureza autobiográfica, que não só tratam da trajetória pessoal mas dão conta dos companheiros de geração, delineando um amplo painel das práticas de sociabilidade dos intelectuais do período. A compulsão de Cascudo para a análise sociológica pode ser aprendida no precioso *Pequeno manual do doente aprendiz*, trabalho no qual tece, a partir da experiência de doente hospitalizado, agudas observações a respeito da situação social do médico e das mudanças nas terapêuticas e na indústria farmacêutica.

A crítica literária é outra vertente apreensível do conjunto dos trabalhos de Cascudo. Aliás, o seu primeiro livro publicado, *Alma patricia* (1921), trata das manifestações literárias potiguares das duas décadas iniciais do século XX, e o segundo, *Joio* (1924), de escopo mais amplo, engloba comentários a respeito de escritores nacionais e argentinos. Mas há, ainda, o contista e romancista, autor de *Histórias que o tempo leva...* (1924) e *Canto de muro* (1933), trabalhos nos quais a ficção se mescla, respectivamente, com personagens da história e precisos dados zoológicos.

Dentre as contribuições mais significativas e que ocupam a maior parte da obra organizada por Marcos Silva, destacam-se os numerosos trabalhos a respeito de superstições, lendas e tradições brasileiras, folclore e etnografia, áreas nas quais sua importância é incontestável. O leitor do *Dicionário* bem poderá avaliar a representatividade e o significado do autor percorrendo os comentários a respeito dos mitos e fabulário luso-brasileiros, recolhas de contos populares, novelística, literatura oral, toponímia e usos da língua, antologias do folclore e do importante dicionário que elaborou sobre o tema. Também são comentados os seus vários ensaios de cunho etnográfico e sociológico, dedicados ao estudo dos gestos, de jangadas e jangadeiros, dos sertanejos, vaqueiros e cantadores, da carnaúba, do açúcar, da pecuária, da rede de dormir, da alimentação, das crenças populares, enfim, de uma miríade de temas que deixam patente o lugar ocupado pelos estudos cascudianos na compreensão do país.

A respeito da coletânea *Seleção de Luís da Câmara Cascudo*, organizada por Américo de Oliveira Costa, afirma-se que a mesma “só pode ser um convite ao universo dos livros dele e não o desvelar desse universo na sua totalidade” (p. 262), observação que também se aplica ao *Dicionário*, excelente porta de entrada para a obra desse multifacetado autor.

Notas

1. Consultar a lista apresentada na página 310 do *Dicionário*.

2. Os critérios estão explicitados na nota 19, p. XVIII.

3. Das 87 obras, quatro foram objeto de dois comentários, o que totaliza 91 verbetes. As razões da duplicidade não foram explicitadas.